

Hugo PONTES

GUIMARÃES ROSA,
UMA LEITURA MÍSTICA
Ensaio

Para o professor e amigo
Aldemaro Taranto Goulart

Ilustrações:

Capa:

Arquivo do S.L.M.G.

Foto:

Iara Manata Pontes

Ilustrações:

Extraídas do livro Inscrições e Tradições da América Pré-histórica, de Bernardo Ramos, Volume I, I.N., Rio, 1930

P858g PONTES, Hugo
 Guimarães Rosa : uma leitura
 mística. - Poços de Caldas:
 Gráfica Sulminas, 1998, 33 p.

1. Rosa, Guimarães - Ensaios. I. Título.

CDU 869.0-4

INTRODUÇÃO

O que me fascinou no conto de Guimarães Rosa - **O Recado do Morro** - foi a possibilidade de fazer uma leitura a partir da análise dos componentes místicos da iniciação maçônica que ele encerra. Enquanto conhecedor das tradições dos ritos maçônicos, não pude me furtar ao privilégio desse estudo inédito que publiquei, originalmente no Suplemento Literário do Minas Gerais, em maio de 1987.

I - SIMBOLISMO

"A palavra símbolo vem do grego "sýmbolon", sinal de reconhecimento formado pelas duas metades de um objeto quebrado que tornam a se juntar.

Por extensão, essa palavra significa uma representação analógica, relacionada com o objeto considerado". (1)

O símbolo é a imagem, é pensamento. Ele nos faz captar, entre o mundo e nós, algumas afinidades secretas e leis obscuras que podem ir além do alcance da ciência, mas que nem por isso são menos certas. Todo símbolo é, nesse sentido, uma revelação.

Já o simbolismo é uma síntese, uma ciência que tem suas regras claras e definidas e cujos princípios emanam do mundo dos arquétipos.

1.1 - O Simbolismo na Literatura

O símbolo, que foi a primeira forma de arte plástica, é também encontrado na origem da literatura. Destruído pela arte clássica, o simbolismo primitivo permanece, todavia, nas fábulas, nas parábolas e nas alegorias.

Esse simbolismo que encontramos, em tão grande profusão, na Idade Média, seja nas canções de gesta dos trovadores, seja em obras, como a "Divina Comédia" de Dante Alighieri, empresta a estas manifestações literárias um aspecto esotérico e iniciático que transcende ao meramente especulativo e leva-nos, na modernidade, à surpresa e à sedução.

Sendo a literatura a arte que sensibiliza pela palavra e fixa as imagens e as fantasias sutis, não é de estranhar que se tenha deixado influenciar pelo simbolismo, que também influenciou a filosofia, pois ele traduz em letras o que a alma encobre de mais profundo e de mais inconsciente.

1.2 - O simbolismo da iniciação

"A "Arte de Construir" o Templo ideal eis o objetivo proposto pela Maçonaria Universal. Esse templo é, primeiro, o Homem e, depois a Sociedade.

Na iniciação maçônica o profano, ao "receber a luz", torna-se aprendiz-maçom. Seu trabalho essencial consiste em desbastar a "pedra-bruta" e para isso bastam-lhe dois instrumentos: o cinzel e o malho.

A iniciação maçônica é completa em si mesma, quando o maçom, depois de ter galgado sucessivamente os degraus do Aprendiz e do Companheiro, chega ao grau de Mestre." (2)

Os Mistérios Menores (exotéricos) ou Maiores (esotéricos) ensinavam ou representavam a peregrinação do ser humano da vida mortal para a imortal e as experiências póstumas da Alma ou do Espírito nos mundos subjetivos, como também as leis do aperfeiçoamento da consciência pelo desenvolvimento progressivo de seus poderes espirituais.

Em nossos dias, o candidato passa por diversas provas apenas simbólicas e, maçonicamente, fica iniciado na alegoria solar de Hiram Abiff, o "filho da viúva".

1.3 - O Símbolo Hiram Abiff

Também chamado Hiram-Abi ou Hiram-Abi (II. Crôn. 13-14), é o filho de uma viúva da tribo Naftali (I, Reis 7:14) do arraial de Dan.

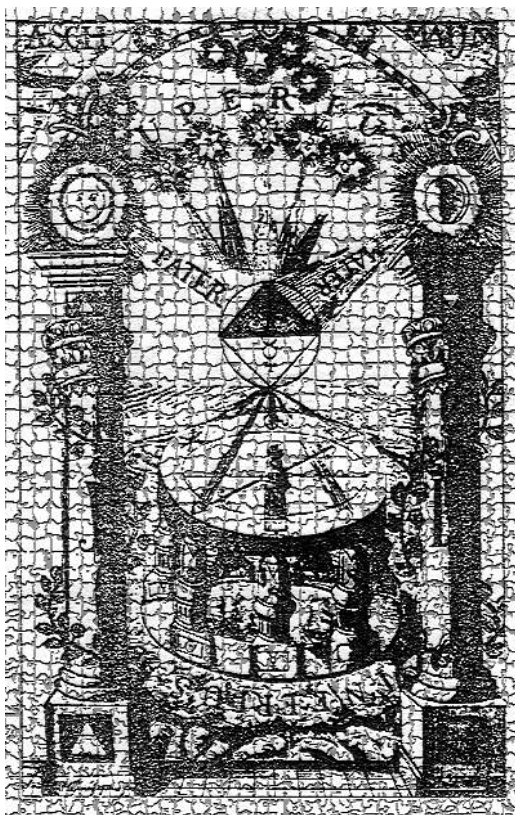
Hábil decorador e metalúrgico, foi enviado ao rei Salomão, pelo rei de Tiro, para trabalhar os querubins, colunas e adornos do suntuoso templo que o primeiro mandou edificar em Jerusalém, a fim de perpetuar em moldes judaicos o culto que o Iniciado Moisés trouxera do Egito e que vigorava até a época de Davi, pai de Salomão.

A Bíblia descreve essa obra em I Reis, capítulo II.

Tornou-se Hiram Abiff o herói central do drama iniciático franco-

maçônico, no terceiro grau, porque segundo a lenda preferiu sacrificar sua vida à sanha assassina dos "três maus companheiros", a revelar-lhes a "Palavra do Mestre" e o "Segredo" correspondente para que não caíssem em "mãos despreparadas".

Na astronomia, assim como Osiris, Adônis, Cristo e outros, esse herói-mártir personifica o Sol, tomado na antigüidade como o mais majestoso símbolo da Divindade, eternamente se sacrificando para iluminar e libertar a humanidade das trevas.



II - A SIMBOLOGIA MAÇÔNICA NAS LETRAS S E G NO CONTO

Ao iniciarmos a leitura do conto "O Recado do Morro", de João Guimarães Rosa, procuraremos fazê-la pela análise metalingüística da letra S que inicia a narrativa e está em evidência no período: "Desde ali, o ocre da estrada, como de costume é um S, que inicia a grande frase." (pág. 5);

Pela letra G que encerra o conto: "Mediu o mundo: Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até os seus Gerais." (pág. 70);

E pelo nome do morro: "Lá estava o Morro da **Garça**: solitário, escaleno e escuro, feito uma **pirâmide**." (pág. 15) (grifos nossos).

2.1 - A Simbologia do S

Na simbologia maçônica a letra S inicial quer representar, isoladamente, muitos significados como, por exemplo: Sabedoria, Salomão, Secreto, Supremo, Schibbolet. Fiquemos apenas com a simbologia do S no Rito Escocês Antigo e Aceito: Sabedoria, no grau 17; Salomão, no grau 22; e designativo da tenda de Malaquias, no grau 32.

Por Sabedoria vamos entender como designativo de uma das três colunas que sustentam o Templo Maçônico, sendo que as outras duas são denominadas Força e Beleza, e estão personificadas, respectivamente, no Venerável, Primeiro Vigilante e Segundo Vigilante.

Salomão (do hebreu Shelmo: **pacífico**) - segundo filho de Davi e Bersabé, foi o terceiro rei de Israel, em sucessão a seu pai, e governou quarenta anos.

Alguns lhe atribuem a paternidade da maçonaria. Quatro anos após a sua ascensão ao trono, iniciou a construção do "Templo de Jeová", edificado no Monte Moriah, em Jerusalém. Nesse monte Jeová apareceu a Davi, conforme I Crôn. 21:18. Reza a lenda maçônica dos graus simbólicos que Salomão dividiu os operários, para a construção do templo, segundo a suas habilitações, em aprendizes, companheiros e mestres, sob a orientação de Hiram Abiff.

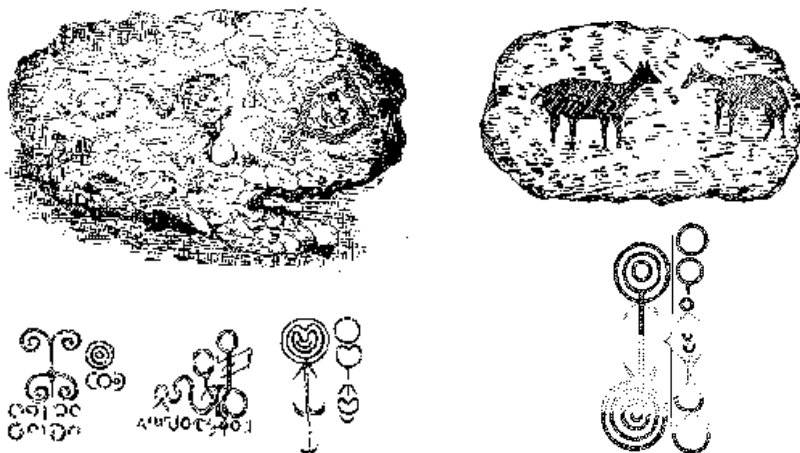
S - da tenda de Malaquias - A tenda do grande acampamento, do grau 32, é assinalada com um S. Malaquias é o último dos profetas do Antigo Testamento. No Rito Escocês Antigo e Aceito há duas palavras de reconhecimento para cada dia da semana. As correspondentes ao sábado (aí o S) são Ezequias, como protetor e Malaquias, como profeta.

2.2 - A Simbologia do G

A letra G é tomada como símbolo sagrado da Divindade, uma vez que o nome de Deus começa com essa letra em diversos idiomas: Gad, no sírio; Gada, no persa; Gud, no sueco; Gott, no alemão e God, no inglês.

No Rito Escocês Antigo e Aceito aparece inscrita no meio da Estrela Flamejante, como símbolo de Deus **o divino Geômetra**.

"Num sentido iniciático, a Estrela Flamejante e a letra G nos mostram o Iniciado em que fogo é despertado, fogo que pode conduzi-lo ao **Adeptat**, caso ele saiba se libertar do sentido puramente moral do símbolo e não se atole nas glosas que abundam em torno dos termos: Glória, Grandeza, Geometria, Gravitação, Geração, Gênio e Gnose." (3)



III - A SIMBOLOGIA DO TEMPO E DA ORDEM

Os fatos relatados na narrativa "... teve aparente princípio e fim, num julho-agosto, nos fundos do município onde ele residia; em sua raia noroesteã, para dizer com rigor." (pág. 5)

A partir da referência **julho-agosto** podemos verificar que o duodenário zodiacal tem um simbolismo de grande importância, pois o ano se torna o protótipo de todos os ciclos, emblematizados tanto as fases da vida como as da iniciação.

Nos Mistérios de Ceres, o Iniciado partilhava dos destinos da semente confiada ao solo. Como esta, o Iniciado deveria sofrer a influência solar para desenvolver-se e frutificar, depois do que tornava a passar por esse encadeamento de transformações de que resulta o ciclo da vida.

3.1 - O mês de julho

Astrologicamente corresponde a Câncer, Água e Lua.

Nessa época a seiva entumece as formas que atingem a plenitude. A vegetação é luxuriante. É a estação da folhas, das ervas e dos legumes, mas os cereais e os frutos ainda estão verdes. Os dias são longos e cheios de luz.

Símbolo: O Iniciado instrui-se, assimilando os ensinamentos-primeiros.

3.2- O mês de agosto

Na astrologia corresponde a Leão, Fogo e Sol.

O fogo exterior intervém para ressecar e matar toda a constituição aquosa, cozendo, amadurecendo o invólucro dos germes. A razão implacável exerce sua crítica severa sobre todas as noções recebidas.

Símbolo: O Iniciado julga, por si mesmo, e com severidade as idéias que puderem seduzi-lo.

Vale ressaltar que os signos do Zodíaco "Câncer" e "Leão" significam, respectivamente, expansão/ crescimento e intrepidez/ coragem. A água e o fogo, apesar de antagônicos, são elementos purificadores nas cerimônias de iniciação.

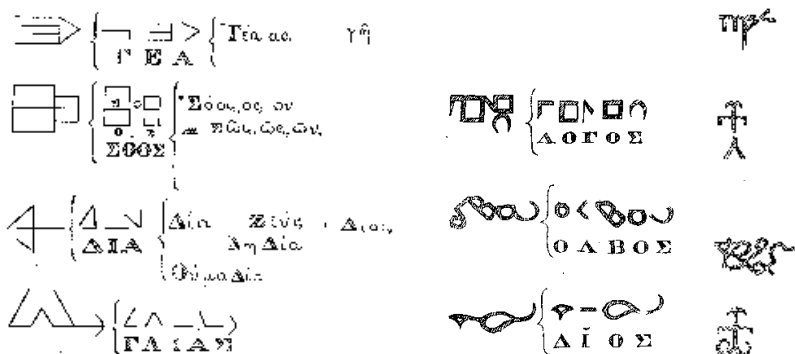
A Lua é o planeta passivo e sob ela estão os aprendizes maçons. O Sol é de natureza dual: Espírito e Matéria. É a fonte inesgotável de vida e luz. O aparente nascimento do Sol - curso e morte - e ressurreição periódicos, descrevem as vicissitudes cíclicas da alma e o eterno combate entre o Bem e o Mal, ou interação dos pólos positivos e negativos de toda a natureza.

Não é sem razão que Guimarães Rosa exalta e dignifica o astro no princípio do conto: "Dia a muito menos de meio, **solene sol**, as sombras davam para o lado esquerdo." (pág. 5) (Grifo nosso)

3.3 - Ordem

Chamou-nos a atenção a expressão "Debaixo de ordem..." (pág. 5)

Por ordem, em maçonaria, entende-se como a disciplina e comportamento pessoais dentro do Templo e - mais significativamente na leitura ora feita - a seqüência dos trabalhos dentro da Oficina. Isso quer significar que Pedro Orósio e seus companheiros de "viagem" seguiam em sua caminhada iniciática dentro da ritualística prevista.



IV - SIMBÓLICA DECIFRAÇÃO DOS PERSONAGENS

"Dizem os antigos rituais maçônicos que sete maçons formam uma Loja Perfeita."(4)

Pedro Orósio (Pedro Chãbergo ou Pê-Boi), Alquiste, Sinfrão, Jujuca e Ivo são os cinco personagens que iniciam a viagem. Juntam-se a eles Malaquias e Zaquias, completando o grupo para a formação da Loja Perfeita.

Decifraremos cada um dos personagens.

4.1 - Pedro Orósio

Esse personagem carrega consigo a trindade: energia, matéria e vida; tese, antítese e síntese. Seu nome nos remete à pedra, que nos leva a pedreiro, construção, polimento e fundação.

A letra P, na jóia do 2º. Grau da Franco-carbonária, indica o filho pródigo. A atividade de Pedro, enxadeiro, nos transporta à enxada que é uma das três ferramentas de que se serviram os maçons, segundo a lenda, para descobrir e levantar a pedra quadrangular que cobria a **Abóbada de Enoque**, a fim de abrir caminho que conduzisse à "Abóbada Sagrada", após a construção do Templo de Salomão, e desobstruir o pedestal que se achava ali enterrado.

4.2 - Os Mestres: Alquiste, Sinfrão e Jujuca

Três são os mestres que acompanham Pedro Orósio na viagem. Simbolizam as três colunas do Templo: Sabedoria, Beleza e Força.

4.2.1 - ALQUISTE - É a Sabedoria. Descrito no conto como um estudioso, um pesquisador, um alquimista.

"Enxacoco e desguisado no usos, a tudo quanto enxergava dava um mesmo engraçado valor: fosse uma pedrinha, uma pedra, um cipó, uma terra de barranco, um passarinho atoa, uma moita de carrapicho, um ninhol de vespos."(pág. 6)

Os alquimistas eram uma classe de maçons herméticos, usavam as iniciais I.N.R.I., alusivas a este aforismo da Alquimia: "Igni Nitrim Roxis Inventitur".

4.2.2 - SINFRÃO - É a Beleza. Mestre religioso, representa Deus entre os Homens. Caracterizado como: "... desses de sandália sem meia e túnica marrom, que têm casa de convento em Pirapora e Cordisburgo." (pág. 6) "Rezava como se estivesse debulhando milho em paiol, ou roçando mato." (pág. 24)

4.2.3 - JUJUCA - É a força. Fazendeiro de gado, homem de posses. Representa o poder econômico. "... no mais do tempo ele estava no comparar as terras do arredor, lavoura e campos de pastagem, saber de tudo avaliado, por onde pagava a pena comprar." (pág. 11)

No ritual do aprendiz maçom, diz-se que Sabedoria é para inventar; Beleza é para adornar; e Força é para dirigir.

Alquiste (Sabedoria) representa o Venerável; Jujuca (Força) representa o Primeiro Vigilante; e Sinfrão (Beleza) representa o Segundo Vigilante, que são um dos três principais Oficiais da Loja.

4.3 - O Quinto Personagem

Ivo, que no decorrer da narrativa passa a ser denominado Ivo Crônico, é o quinto incorporado ao grupo que inicia a viagem. É caracterizado como um serviçal que tange os burros cargueiros. Homem destemido e disposto. Ivo significa o **vigilante** e Crônico é relativo a *chronos*, o planeta Saturno.

No simbolismo planetário astrológico, segundo Oswald Wirth, Saturno corresponde ao Experto. O Experto dirige os candidatos nas cerimônias de Iniciação e vela pela boa execução do Ritual.

4.5 - MALAQUIAS

É o sexto personagem, encontrado durante a viagem:

"Até que, a pouco trecho, enxergavam, adiante uma pessoa caminhando."

"É o Gorgulho... Pê-Boi disse." "O nome dele, de verdade, era Malaquias." (pág. 13)

Malaquias morava dentro de uma lapa, entre barrancos e grotas. É o profeta. Aquele que ouve a "voz" do morro e a traduz.

4.6 - ZAQUIAS

Sétimo personagem. Irmão de Malaquias. A referência ao impedimento que Malaquias pretendia fazer, não deixando o irmão se casar, pode ser traduzido como uma tentativa de converter Zaquias.



V - A SIMBOLOGIA DAS CORES

No conto, páginas 5 a 10, principalmente, Guimarães Rosa enfatiza o uso das cores, qualificando elementos do mundo animal, vegetal e mineral.

As cores sempre tiveram um significado especial na Maçonaria, que as tem combinando em número de nove.

Vejamos a sua simbologia:

Azul	- amizade, fidelidade, devoção
Vermelha	- zelo, fervor, paixão
Amarela	- inteligência, sabedoria, magnificência
Verde	- esperança, fraternidade
Violeta	- dignidade, majestade e símbolo da aliança entre Salomão e Hiram, rei de Tiro.
Preta	- solidão, tristeza, circunspeção e morte
Branca	- candura, inocência, síntese das virtudes
Pétrea	- firmeza e constância
Roxa	- afeição, caridade, filantropia

Há ainda a menção ao arco-íris (pág. 6). Alguns Ritos maçônicos comemoram o arco-íris como o símbolo da aliança que Deus fez com Noé, segundo a Bíblia.

VI - SIMBOLOGIA DO TEMPLO

A descrição de um Templo Maçônico está simbolicamente inserida durante toda a narrativa e o ponto de referência é o Morro da Garça, além de mencionar criptas e lapas, conforme veremos nas enumerações abaixo:

1 - "Criptas onde o ar tem corpo de idade..." Lapas com solitrados desvãos, onde assiste, rodeada de silêncios e acendendo globos olhos no escuro, a coruja-branca-de-orelha...." (pág. 7)

2 - "... a Gruta de Maquiné - tão inesperada de grande com seus sete salões encobertos, diversos, seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando risos na luz - ali dentro a gente se esquecia numa admiração esquisita, mais forte que o juízo de cada um, com mais glória resplandecente do que uma festa, do que uma igreja." (pág. 11)

3 - "Lá estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide." (pág. 15)

4 - "Em cada momento, espiava, de revés, para o Morro da Garça, posto lá, a nordeste, testemunho. Belo como uma palavra. De uma feita, o Gorgulho levou os olhos a ele, e outra vez se benzeu, tirando o chapéu: depois, expediu um esconjuro com a mão canhota." (pág. 17)

5 - "Porém, seo Olquiste queria saber como era a gruta por fora e por dentro? Seria boa no tamanho, confortosa, com três cômodos, dois deles clareados, por altos suspiros, abertos no paredão. O salão derradeiro é que era sempre escuro, e tinha no meio do chão um buraco redondo, sem fundo de se escutar o fim de uma pedra cair; mas lá a gente não precisava de entrar - só um casal de suindaras certo tempo vinha, ninhavam, esse corujão faz barulho nenhum. Respeitava o nascente. A boca da entrada era estreita, um atado de

feixes de capim dava para se fechar, de noite, mode os bichos. E tinha até trastes: um banco, um toco de árvore, um caixote e uma barrica de bacalhau. E tinha pote d'água." (pág. 18)

6 - "... lá viam o Morro da Garça - só - seu agudo vislumbre. " À direita, porém, mais próximas, as encostas das vertentes descobertas, a grossa corda de morros - sempre com as estradinhas, as trilhas escalavradas, os caponetes nas dobras, sempre o sempre." (p. 36)

7 - "Aí entrar outra vez dentro da gruta, a Lapa Nova do Maquiné - onde a pedra vem, incha, e rebrilha naquelas paredes de lençóis molhados, dobrados, entre as roxas sombras, escorrendo as lajes alvas, com grandes formas e bicos de pássaros que a pedra fez, pilhas de sacos de pedras, e o chão de cristal, semelha um rio de ondas que no escurecer esbarram, e vindas de cima as pontas brancas, amarelas, branco-azuladas, de gelo azul, meio transparentes, de todas as cores, rindo de luz e dançando, de vidro, de sal: e afundar naquele bafo sem tempo, sussurro sem som, onde a gente se lembra do que nunca soube, e acordar de novo, num sonho, sem perigo sem mal; se sente." (pág. 69)

Guimarães Rosa, sabiamente, descreve a exuberância de um Templo Maçônico, conforme se pode observar nas sete descrições acima destacadas.

Nas sociedades iniciáticas, Templo é o lugar onde se reúnem seus adeptos. Esotericamente, é o ser humano ideal e perfeito que deve ser "edificado" pelos "construtores". É o iniciado verdadeiro. É o seu corpo purificado.

"Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito Santo habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá; pois o templo de Deus, que sois vós, é santo." (I Cor. 3:16,17)

Tal podemos verificar nas expressões:

"... mais forte que o juízo de cada um, com mais glória e resplandecente do que uma festa, do que uma igreja."

"... e afundar naquele bafo sem tempo, sussurro sem som, onde a gente se lembra do que soube, e acordar de novo num sonho, sem perigo sem mal; se sente."

A claridade penetra no Templo por três janelas colocadas ao Oriente, Sul e Oeste, e as iluminam três velas acesas, além da luz natural, colocadas nesses pontos cardeais, rodeando o altar, ou ao lado dos tronos do Venerável e dos dois Vigilantes. Essas janelas e velas simbolizam os três aspectos da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo, perpetuamente ativos em seu Universo.

"... seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando risos na luz..."

"... com três cômodos, dois deles clareados, por altos suspiros, abertos no paredão."

A Câmara de Reflexões é descrita como:

"O salão derradeiro é que era sempre escuro, e tinha no meio do chão um buraco redondo, sem fundo de se escutar o fim de uma pedra cair..."

No Rito de Iniciação esse cômodo é um lugar secreto e fúnebre em que permanecem os profanos candidatos, rodeados de objetos mortuários, para que ali meditem sobre a transitoriedade da vida e das coisas materiais. É ali que o Iniciado começa a nascer para a vida maçônica.

"... faz barulho nenhum. Respeitava o nascente."

O Morro da Garça, na descrição, é comparado a uma pirâmide.

"Lá estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide."

Esta simboliza a verdadeira casa de Salomão, lugar onde o iniciado era submetido às provas de Iniciação. Suas medidas são coincidentes com as do alegórico Templo de Salomão, que é o emblema do ciclo de iniciação. É o Templo ideal jamais terminado, templo em que cada maçon é uma pedra, preparada no silêncio da meditação.

"... onde assiste, rodeada de silêncios e acendendo globos olhos no escuro, a coruja-branca-de-orelha..."

"... e afundar naquele bafô sem tempo, sussurro sem som, onde a gente se lembra do que nunca soube, e acordar de novo num sonho, sem perigo sem mal; se sente."

Consegue-se entrever, no conto, a referência a duas Colunas do Templo: Jachim e Boaz:

"Recanto limpo e fundo, entre desbarrancados, tão sumido que parecia a gente estar vendo ali em sonho; e só com **umas palmeiras** e umas grandes pedras pretas; mas o melhor é que nem urubu tinha licença de ir..." (pág. 31)

As **palmeiras**, simbolicamente no conto, representam as colunas acima mencionadas e, mesmo, as demais colunas existentes, como as: Dórica, Jônica, Coríntia, Compósita e Toscana. Isso perfaz um total de sete.

Simbolizando o encadeamento, os laços que unem todos os maçons, encontramos a referência:

"...as encostas das vertentes descobertas, a grossa corda de morros-"

Tais cordas referem-se a um dos ornamentos da Loja que circunda e decora a parte superior do Templo, correspondendo a Borda Dentada.

As referências: "laje branca" (pág. 7); "grandes pedras pretas" (pág. 31); "lajes alvas", "chão de cristal" (pág. 69), lembra-nos o piso de mosaico da Loja, semelhante a um tabuleiro de xadrez, emblema da variedade de solo terrestre. Simboliza a união de todos os maçons

do Globo Terrestre, apesar das diferenças de cor, clima, política e religião.

Pudemos verificar que Guimarães Rosa, ao se referir a "... pilhas de sacos de pedras", leva-nos a fazer uma ligação com a **Pedra Bruta**, símbolo das imperfeições do espírito, que o maçom iniciado deverá, como aprendiz, desbastar - aprimorando o espírito - transformando-o em **Pedra Cúbica**.



VII - A SIMBOLOGIA DOS PLANETAS

No conto, à página 26, o autor refere-se às fazendas visitadas durante a viagem: Jove, dona Vininha, Nhô Hermes, Nhá Selena, Marciano e Apolinário.

À página 27 encontramos:

"Nisso que o Ivo pelos outros respondia também: o Jovelino, o Veneriano, o Martinho, o Hélio Dias Nemes, o João Lualino, o Zé Azougue - que, se ainda estavam arredados, ressabiados, no rumo não queriam outra coisa senão se reconciliar."

Os nomes correspondem a alguns planetas do sistema solar.

Vemos, portanto, uma referência à astrologia, bem ligada à Iniciação Maçônica.

É o próprio Guimarães Rosa quem diz em carta a seu tradutor na Itália, conforme menciona Consuelo Albergaria em seu livro **Bruxo da Linguagem no Grande Sertão**, à página 74:

"Agora, ainda quanto a Recado do Morro, gostaria de apontar a você um certo aspecto planetário ou de correspondência astrológica, que valeria apenas ser acentuadamente preservado, talvez. Ocorre nos nomes próprios, assinalados onomástico-toponímicos:

Fazendas visitadas na Excursão	-	Companheiros de Pedro Orósio
1 - Jove	(Júpiter)	o Jovelino
2 - dona Vininha	(Vênus)	o Veneriano
3 - Nhô Hermes	(Mercúrio)	o Zé Azougue
4 - Nhá Selena	(Lua)	o João Lualino
5 - Marciano	(Marte)	o Martinho
6 - Apolinário	(Sol)	o Hélio Dias Nemes."

A Simbologia dos nomes, tal como se nos apresenta, implica numa situação de extremos em relação a Pedro Orósio. Se num dado momento da Iniciação ele desceu ao subterrâneo da Câmara de Reflexões, em outro foi elevado às estrelas, conseguindo estar entre os planetas, grandezas do sistema solar, podendo divisar todos os reinos da Terra.

Em maçonaria os planetas simbolizam:

- I - Júpiter - o Venerável (sabedoria)
- 2 - Vênus - o 2º Vigilante (graça)
- 3 - Mercúrio - o Mestre de Cerimônias (mensageiro)
- 4 - Lua - o Secretário (reflexo do sol)
- 5 - Marte - o 1.º Vigilante (o deus guerreiro)
- 6 - Sol - o Orador (a luz do homem, a síntese)

VIII - A SIMBOLOGIA DOS NÚMEROS

O conto inicia com um personagem, Pedro Orósio, candidato à Iniciação.

O número um, na Simbologia maçônica, é o ser positivo.

Os gregos denominavam "Pothos", isto é, o desejo ou a ação de sair do absoluto para entrar no real.

Três são os padrões: Alquiste, Sinfrão e Jujuca. Os três representam a inteligência, o amor e a vontade, que são indissociáveis.

Associados o $1 + 3 = 4$.

O quatro representa, na cerimônia de iniciação, os elementos da natureza: Terra, Ar, Água e Fogo.

O $4 + \text{Ivo Crônico} = 5$

O cinco forma a estrela Pentagonal, que é o símbolo do homem ou o microcosmo. A Estrela Flamejante é o símbolo do Iniciado.

As suas cinco pontas representam: a parte superior, a cabeça; as laterais, os dois braços; as inferiores, as duas pernas.

O homem deitado, com os braços e as pernas abertas, fica numa postura que reflete o equilíbrio ativo e de capacidade receptiva, pois a cabeça, os braços e as pernas ficam direcionados na mesma posição das pontas das estrelas. Assim torna-se um centro de vida, irradia luz própria.

O $5 + \text{Malaquias} = 6$

O seis simboliza a Estrela de Salomão que é a representação do Macrocosmo. Reflete a unidade do Espírito \triangle e a Matéria ∇ cósmica.

Vale aqui salientar que por seis vezes o **signo-de-salomão** é mencionado no decorrer da narrativa.

O $6 + \text{Zaquiás} = 7$

O sete nos remete ao equilíbrio, à harmonia. Lembra-nos os dias da semana, as sete épocas da criação, os sete pecados capitais, os planetas que percorrem a abóbada celeste e que eram em tempos idos os que partilhavam do governo do mundo: Sol, Lua, Marte,

Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno, e suas divindades.

Lembra, ainda, a ordem completa, o período, o ciclo.

Outrossim o "**recado do morro**" é transmitido por sete vezes, através de seis homens puros e um menino (Gorgulho, Catraz, Guegue, Coletor, Nominedômine, Laudelim e Joãozezim (menino). São eles o símbolo do equilíbrio, pela inocência que trazem consigo.

Sendo Laudelim um artista, cabe a ele harmonizar o "recado", dando-lhe forma e lógica. Ao compreender o "recado" o ciclo é fechado com Pedro Orósio.

IX - A SIMBOLOGIA DA VIAGEM

Pedro Orósio, na sua caminhada iniciática, realiza quatro viagens. Nos mais antigos Rituais maçônicos elas representam a purificação do iniciado pelos quatro elementos: Terra, Ar, Água e Fogo. Essa Simbologia é resíduo de uma representação totêmica do desenvolvimento da Vida, com o apoio e através dessas entidades primordiais.

O conto nos mostra a síntese dessas viagens à página 66:

"Ao sim, tinha viajado, tinha ido até o princípio de sua terra natural, ele Pedro Orósio, catrumano dos Gerais. Agora, vez, era que podia ter saudade de lá, saudade firme.

Do chapadão - de onde tudo se enxerga."

"Chovia de escurecer, trovoava, trovoava, a escuridão lavrava em fogo: E na chapada a chuva sumia, bebida, como, por um encanto, não deitava um lenço de lama, não enxurrava meio rego. Depois, subia um branco poder de sol, e um vento enorme falava..."

"Ar assim farto, céu azul assim, outro nenhum. Uma luz mãe, de milagre." (grifos nossos)

A primeira viagem, que tem por elemento a Terra, se dá desde o início do conto, a partir do momento em que Pedro Orósio inicia a caminhada:

"Debaixo de ordem. De guiador - a pé, descalço..." (pág. 5)

No Ritual de iniciação o candidato faz todas as viagens de olhos vendados e o pé esquerdo descalço.

A viagem pelo elemento Terra fica mais caracterizada na referência à entrada na Gruta de Maquiné:

"... - ali a gente se esquecia numa admiração esquisita." (pág. 11)

Tal menção corresponderia à entrada do Iniciado na Câmara das Reflexões.

A segunda viagem tem por elemento o Ar, emblema da vida.

"O tumulto das paixões, o choque de interesses diversos, a dificuldade dos empreendimentos, os obstáculos que os concorrentes interessados em nos prejudicar e sempre dispostos a

nos desencorajar multiplicam sob nossos passos, tudo isso é figurado pela irregularidade do caminho que o Iniciado percorre e pelo ruído a seu redor." (5)

A terceira viagem tem por elemento a Água, símbolo da emotividade e sensibilidade.

"Para devolver ao Iniciado sua segurança ele é submetido à purificação pela Água, lavando-o das impurezas. Ao ruído ensurdecedor da primeira viagem seguiu-se tinido de armas, emblema dos combates que o homem constantemente é forçado a travar". (6)

A quarta viagem tem por elemento o Fogo, símbolo do ardor, do entusiasmo.

"Para contemplar a verdade que se esconde dentro dele mesmo, o Iniciado deve saltar um tríplice cinturão de fogo. O Iniciado permanece no meio das chamas (paixões ambientes) sem ser queimado, mas deixa-se penetrar pelo calor benfazejo que dele emana." (7)

Pedro Orósio é agora um Aprendiz-Maçom, Provou sua coragem passando pelas provas a que foi submetido. Sofre o batismo do sangue que simboliza o heroísmo e a dedicação do soldado e mártir. A "Espada Flamíngera" encostada ao peito nu do Iniciado representa o referido batismo:

"A sina do Rei é avessa. O Rei dava, que estrambelhava - à espada: dava de gume, cota e prancha..." (pág. 69)

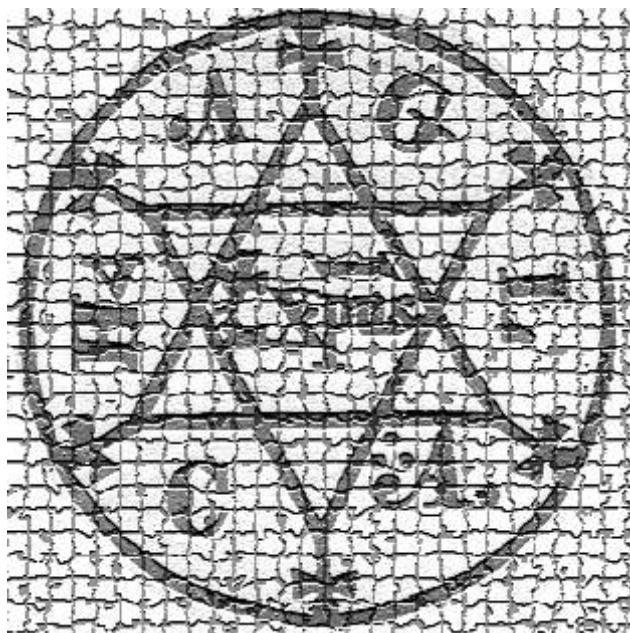
Traduzimos aqui, também, a palavra Rei, do enunciado acima, como sendo referência ao Iniciado na Arte Real, fazendo, assim, do Aprendiz-Maçom um Rei, um mestre de si próprio e da Natureza.

Pedro Orósio, agora introduzido nos mistérios:

"... abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até aos seus Gerais." (pág. 70)

Com essa imagem Guimarães encerra seu conto procurando, talvez, mostrar que o símbolo da estrela representa o homem

perfeito. O pentagrama mostrando Deus manifestando-se plenamente no homem que é um quántuplo ser: físico, emocional, mental, intuitivo e espiritual.



CONCLUSÃO

No princípio desta análise procuramos levantar a hipótese que nos levaria a uma leitura esotérica baseada no Rito de Iniciação Maçônica. Tal empresa pôde ser confirmada a partir do exame detalhado das evidências, **não tão evidentes** para os não-iniciados, contidas em **O Recado do Morro**.

Procuramos levantar dados que restringissem ao histórico e à prática de uma Iniciação, sem contudo, entrarmos em detalhes, fim de que o detalhamento não viesse a prejudicar a proposta de comprovação dos fatos.

O Recado do Morro nos apresentou aspectos físicos e espirituais, próprios de todo o conjunto da obra literária de Guimarães Rosa, que nos permitiu a leitura ora feita, ensejando outras que porventura possam ser realizadas, no que tange à mística-religiosa. Acreditamos ter tido o cuidado de não radicalizarmos nossa posição e deixamos em aberto esta análise. Isso em virtude de termos verificado que a leitura baseada na Iniciação Maçônica é apenas uma ocorrência no conto, pois o autor, nas entrelinhas, fornece-nos material suficiente para uma verdade só: o objeto de sua obra é o homem e a sua transcendência.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOUCHER, Jules. A Simbólica Maçônica. Segundo as regras da simbólica esotérica tradicional. Trad. Frederico Ozanan Pessoa de Barros. São Paulo, Pensamento, 1979, p. 11
2. Idem, ibidem p. 14
3. Idem, ibidem p. 258
4. FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de . Dicionário de Maçonaria. 4ª ed., São Paulo, Pensamento, s.d., pp. 224-225.
5. WIRTH, Oswald. O Ideal Iniciático. Trad. R. Montezuma, Rio, ed. do tradutor, 1932, p. 23
6. Idem, ibidem p. 27
7. Idem, ibidem p. 29

BIBLIOGRAFIA

- ROSA, João Guimarães. "O Recado do Morro". In: No Urubupuaquá, no Pinhém. Rio, José Olympio, 6. ed., 1978.
- 01 - ALBERGARIA, Consuelo. Bruxo da Linguagem no Grande Sertão.
Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa. Rio, Tempo Brasileiro, 1977, 154 p.
- 02 - ASLAN, Nicola. Estudos Maçônicos sobre Simbolismo.
Rio, Ed. Grande Oriente do Brasil, 1969. 201p.
- 03 - BOUCHER, Jules. A Simbólica Maçônica. Segundo as regras da simbólica esotérica tradicional. Trad. Frederico Ozanan Pessoas de Barros. São Paulo, Pensamento, 1979. 516 p.
- 04 - CARDILLO, Edmundo. Dante, Seiscentos Anos de Dúvidas.
São Paulo, Aquarius, 1976, 168 p.
- 05 - COUTINHO, Afrânio. (direção). Guimarães Rosa. Seleção de Textos: Eduardo Faria Coutinho. Coleção Fortuna Crítica. Rio, Civilização Brasileira, 1983.
- 06 - FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. Dicionário de Maçonaria. São Paulo, Pensamento, 4. Ed. s.d. 550 p.
- 07 - GALVÃO, Walnice Nogueira. Mitologia Rosiana. São Paulo, Ática, 1978 (Col. Ensaio). 126 p.
- 08 - GALVÃO, Walnice Nogueira. As Formas do Falso. São Paulo, Perspectiva, 1972. 135 p.
- 09 - GARBUGLIO, José Carlos. O Mundo Movente de Guimarães Rosa. São Paulo, Ática, 1972. 138 p.

- 10 - LEADBEATER, C.W. A Vida Oculta na Maçonaria. Trad. Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo, Pensamento, 1973. 275 p.
- 11 - WIRTH, Oswald. O Ideal Iniciático. Trad. R. Montezuma. Rio, ed. do Tradutor, 1932. 150 p.

* Este ensaio foi publicado, pelo Suplemento Literário do Minas Gerais n.º 1.071, de 02 de maio de 1987, Belo Horizonte.



- Hugo Pontes e Manuelzão, personagem de Guimarães Rosa.

Endereço do autor:
Caixa Postal, 922
37701-970 - Poços de Caldas-MG
E-Mail: pontes@geocities.com

